

Lack, Bella (2017). *The Children of the Anthropocene. Stories from the Young People at the Heart of the Climate Crisis.* London: Penguin Life. xiii+272 pp.

 <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.6027>

João Ribeiro Mendes

Departamento de Filosofia, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Universidade do Minho

Portugal

jcrmendes@elach.uminho.pt

ORCID: 0000-0003-3731-2246

Este livro da jovem defensora da causa ambientalista britânica de 22 anos, Bella Lack, e cofundadora da "The Youth Climate Coalition" visa, como o próprio subtítulo deixa claro, dar voz aos jovens rapazes e raparigas que pugnam por enfrentar, tentar mitigar e esperançadamente ultrapassar a atual crise climática planetária.

Greta Thunberg, a conhecida ativista sueca, redigiu um prefácio para a obra (xiii) onde sublinha que as ações individuais pró-climáticas são importantes e necessárias, mas quiçá insuficientes, pois é o sistema social-político-económico que tem de ser alterado se realmente queremos evitar uma catástrofe climática anunciada.

Na introdução (pp. 1-7), Lack argumenta que as histórias desempenham um papel fundamental na experiência humana – “We are addicted to stories. They are the cornerstone of our civilization. Stories characterize humans like flight characterizes birds, like petals characterize flowers. They`re the essence of our species and are the most powerful form of human communication” (p. 15). São elas, mais que frios relatórios científicos, que criam empatias e mobilizam pessoas e comunidades a agir. Ouvi-las e contá-las, como relata no seu livro, é, segundo ela, um contributo precioso para o enfrentar da crise ecológica em curso.

No prólogo intitulado “Us and them” (pp. 9-14), a autora inquire a profunda separação entre humanos e natureza estabelecida e aprofundada pela cultura moderna. Vê nela uma das raízes da dita crise. Esse dualismo, que se radicalizou, serve, segundo ela, de suporte a outro: o que aparta os exploradores de recursos e aqueles que são explorados deles e que sofrem as suas consequências. Lack

conta anedotas observações pessoais ilustrativas dessa alienação das pessoas em relação à natureza.

O primeiro capítulo, “A Species Who Won’t Stop Consuming. Plastic, overconsumption and circularity” (pp. 15-40), encerra uma crítica vigorosa dos hábitos de consumo das sociedades modernas, principalmente no Ocidente. Lack assinala que a montante dos mesmos está um extrativismo desmesurado de recursos naturais que os tornam insustentáveis, mesmo que boa parte das pessoas nem se aperceba disso nas escolhas que quotidianamente faz.

Realça a autora que um fator que potencia esse desejo omnívoro e desregulado de consumir é o de, com frequência, nos definirmos não com base no que somos, mas no que temos e acumulamos. Ela apela por isso a que refreemos os nossos padrões de consumo.

No segundo capítulo, “The Air We Breathe. Air pollution, global travel and reducing emissions” (pp. 41-66), aborda a poluição do ar e as suas consequências devastadoras para a saúde humana e para o meio ambiente. As estatísticas sobre esse tema são preocupantes: a poluição do ar causa a morte de sete milhões de pessoas anualmente (p. 44). Mesmo assim, é vista como uma questão distante, apesar de estar presente no ar que respiramos todos os dias. Lack, com habilidade narrativa, isto é, não se limitando a recitar dados sobre o assunto, narra histórias de pessoas reais que sofrem de problemas respiratórios e destaca que são as populações mais pobres que quase sempre são mais severamente afetadas. Ela critica um sistema que permite que a exploração industrial continue à custa da saúde humana e apela à necessidade urgente de ações coletivas, defendendo políticas que deem prioridade ao bem-estar das comunidades mais atingidas.

Em “Hungry for Change. Agriculture, deforestation and plant-based diets” (pp. 67-104), o terceiro capítulo, Lack dirige a sua atenção para o sistema alimentar, fazendo uma crítica à agricultura industrial e às suas consequências nefastas. As práticas agrícolas atuais são, argumenta a autora, insustentáveis, embora estejam profundamente enraizadas nas economias e culturas pelo mundo. A agricultura intensiva, aduz, não apenas ameaça os ecossistemas naturais, mas também coloca em risco a saúde e a segurança alimentar das comunidades. No entanto, o capítulo também destaca movimentos comunitários e jovens ativistas que promovem sistemas alimentares mais sustentáveis e equitativos, trazendo à luz iniciativas inovadoras que visam reverter os danos causados pela agricultura industrial.

No capítulo “Water and Our Worlds” (pp. 105-128), Lack explora a importância da água, destacando as crises da sua escassez e poluição. Apenas 0,007% da água da Terra é utilizável por humanos, relembra, o que torna a sua conservação urgente e a sua proteção um imperativo ético global.

O quinto capítulo, “Our Disconnect from Nature” (pp. 129-154), é dedicado pela autora à exploração das consequências da alienação humana em relação à

natureza, reivindicado que isso reduz a empatia pelo meio ambiente e agrava a crise climática. Segundo ela, a urbanização e o uso excessivo de tecnologia contribuem para esse afastamento, criando um vazio emocional. O capítulo inclui relatos de jovens ativistas que buscam religar-se à natureza, sugerindo que isso poderá ser essencial para o bem-estar pessoal e social.

No sexto capítulo, "Women and Water Insecurity. The connection between women and nature" (pp. 155-176), Lack analisa como as mulheres são desproporcionalmente afetadas pela escassez e poluição da água, agravadas pelas mudanças climáticas. Segundo ela, a busca de água, uma responsabilidade feminina em muitas culturas, torna-se mais difícil e aumenta a vulnerabilidade das mulheres, afetando a sua saúde, educação e segurança. Apesar disso, o capítulo celebra a resiliência feminina, destacando líderes em iniciativas de conservação. Conclui a autora com uma defesa da inclusão das mulheres nas decisões sobre a gestão da água como essencial para enfrentar a crise ambiental.

Em "Rewilding the World, Rewilding Ourselves. Rediscovering the wonders and wilds of nature" (pp. 177-200), o capítulo que se segue, Lack defende a renaturalização (*rewilding*) como uma estratégia vital para enfrentar a crise ambiental. O conceito envolve restaurar ecossistemas e reintroduzir espécies nativas, promovendo biodiversidade e melhorando a saúde mental das comunidades. Ela ilustra a sua posição com exemplos de projetos bem-sucedidos, como a reintrodução de lobos em Yellowstone, que revitalizaram ecossistemas locais. Lack destaca também os benefícios comunitários, como o fortalecimento de laços sociais e oportunidades económicas através do ecoturismo.

No último capítulo, "Environmentalism and Intersectionality. Shifting the narrative and making space at the table" (pp. 201-220), analisa a autora a relação entre a crise climática e questões sociais. A seu ver, raça, classe e género são fundamentais para entender como diferentes grupos são desproporcionalmente afetados pelas mudanças climáticas. Lack critica os movimentos ambientais tradicionais por ignorarem as realidades socioeconómicas e, assim, marginalizarem vozes de comunidades afetadas. Apresenta depois exemplos de ativistas que combinam ambientalismo e justiça social, ressaltando a importância de uma narrativa inclusiva. Conclui argumentando que a solidariedade entre diversas lutas sociais é essencial para enfrentar os desafios da crise climática.

Na conclusão, "Now It`s Your Turn..." (pp. 221-238), os leitores são desafiados a transformar o conhecimento adquirido em ações concretas. Ela enfatiza que pequenas ações podem ter um grande impacto e que as escolhas diárias são cruciais na luta contra a crise climática. A consciencialização transforma os indivíduos em agentes de mudança, e a resiliência é vital para enfrentar desafios. Lack também destaca a importância dos movimentos

sociais, incentiva a participação em iniciativas de sustentabilidade e recorda que todos têm um papel na preservação do planeta.

Cada um dos oito capítulos da obra culmina com um “manifesto em prol da mudança”, transformando a angústia das crises ambientais em esperança prática. Tal exorta todos a conceberem-se como agentes da solução, assumindo que a mudança é possível e que cada pessoa pode fazer a diferença. Ao promover um sentimento de propósito e esperança, Lack inspira uma geração, a sua, a abraçar sua responsabilidade na luta por um futuro sustentável.

The Children of the Anthropocene combina narrativas pessoais com críticas sociais penetrantes, oferecendo uma perspectiva estimulante sobre a crise climática através das vozes de jovens de todo o mundo. Lack, ao ter optado por não sobrecarregar o leitor com informações e, em vez disso, recorrer à narração de histórias, torna o livro acessível a um público mais amplo.

A escrita da autora é expressiva e emotiva, misturando experiências pessoais com reflexões profundas que trazem humanidade às teorias científicas. No entanto, o livro, nalguns momentos, peca por generalizações excessivas. As críticas à sociedade de consumo, por exemplo, beneficiariam de uma análise mais detida dos sistemas económicos globais e das variáveis que moldam o comportamento de consumo em diferentes contextos. Além disso, embora o ativismo juvenil seja aplaudido como um aspeto significativo do movimento pró-climático, a autora parece menosprezar os obstáculos que esses jovens enfrentam ao confrontarem estruturas de poder estabelecidas, aspeto que deveria ter maior profundidade crítica.

As problemáticas abordadas no livro, particularmente as do ativismo juvenil, das questões ambientais e da urgente necessidade de transformações estruturais no plano económico-político-social-cultural, são cruciais no nosso tempo e Lack tem o mérito de tornar claro que as soluções para a crise climática não podem ignorar essas dinâmicas sociais, antes pelo contrário. Uma abordagem holística é fundamental para garantir que as vozes de todos os grupos sejam ouvidas e levadas em conta nas decisões políticas e sociais, promovendo um entendimento mais completo das causas e consequências das mudanças climáticas.

Em suma, esta obra constitui uma contribuição valiosa para a discussão sobre as mudanças climáticas e a justiça ambiental. A capacidade de Lack de amplificar as vozes dos jovens e de ligar as suas histórias a questões sistémicas torna o livro não apenas oportuno, mas também inspirador. Incentivará, por certo, leitores de todas as idades a militarem na luta contra a crise climática.